31-VII-62

A peça de Romeu Correia «O Vagabundo das Mãos de Oiro» é hoje estreada no Porto, numa encenação de João Guedes

Nunes Valente e Jaime Valverde num ensaio

ULTRAPASSANDO todos os obstáculos que lhe surgem, com uma paixão pelo Teatro que poderá ser considerada invulgar entre nós, o Teatro Experimental do Porto continua a trilhar, com a maior firmeza, os caminhos que impôs ao seu trabalho desde o início da sua actividade: a divulgação do melhor Teatro junto de todas as camadas sociais da cidade. Dentro desse objectivo, sem duvida importantíssimo, o T. E. P. vai apresentar hoje mais uma peça portuguesa de indiscutível interesse, a qual, por certo, será uma tentativa mais para uma maior aproximação entre o publico e o palco: «O Vagabundo das Mãos de Oiro», de Romeu Correia.

A encenação desta farsa de Romeu Correia — um dos mais representativos dramaturgos portugueses da actualidade — foi confiada a João Guedes, elemento formado na escola do T. E. P. e que, em inumeros trabalhos, primeiro como actor e depois como encenador, deu já indiscutíveis provas sobre as suas invulgares faculdades de homem de teatro.

● CHAMAR AO TEATRO UM PÚBLICO NOVO

O depoimento de João Guedes sobre o ultimo trabalho do T. E. P., registado a algumas horas da sua estreia, num pequeno intervalo da febril actividade em que estava mergulhada esta Companhia, pareceu-nos ser do maior interesse para os nossos leitores, especialmente para aqueles que ao Teatro dedicam a sua maior atenção. Eis o que começou por nos dizer:

— Apesar de saber que esta peça de Romeu Correia constituía um desafio implacável á habilidade de um encenador e de saber, igualmente, a enorme dificuldade que representava a falta de tempo de que dispunha para a pôr em cena, aceitei-a com o maior agrado, mais, com um entusiasmo quase impossível de exprimir por palavras. Este estado de espírito, quanto a mim, fàcilmente compreensível, ficou a dever-se, muito especialmente, ao facto de em «O Vagabundo das Mãos de Oiro» me ser dada mais uma oportunidade para tentar conseguir um dos objectivos do T. E. P. e meu, igualmente: chamar ao Teatro um publico novo, um publico que, com a sua presença, ajude a prestigiar o teatro português.

E João Guedes prossegue:

— Esta peça, simples na medida em que se apresenta com cristalina limpidez, portanto de acção directa sobre o espectador, permite, sem duvida, uma intensa intercomunicação entre o publico e os actores, factor indispensável para que aquele se aperceba melhor dos nossos problemas, dos problemas que assoberbam o Teatro em Portugal.

● UMA ENCENAÇÃO PARA O AR LIVRE

João Guedes, sempre com o mesmo entusiasmo, que, fàcilmente, se sente nas suas palavras anteriores, falou, em seguida, concretamente sobre o seu trabalho como encenador de «O Vagabundo das Mãos de Oiro».

— Esta farsa de Romeu Correia poderia, quanto a mim, ser encenada de duas maneiras diferen-

(Continua na página seguinte)

Os portugueses e os cursos da Universidade do Teatro das Nações

A Universidade do Teatro das Nações, dirigida por Albert Botbol e de que é secretário geral Michel Marcland, foi criada em 1961. Este ano organizou dois ciclos de estudos teatrais: em Maio, um curso normal de cultura geral, que reuniu 101 participantes de 32 nações; em Junho, um curso superior, consagrado particularmente ao estudo das técnicas da cena, que agrupou 59 estagiários de 25 países.

No curso superior, as classificações foram as seguintes:

MUITO BOM, COM FELICITAÇÕES DO JURI

1 — ROGÉRIO PAULO (PORTUGAL).

MUITO BOM

2 — Miléna Salvini (França); 3 — Jean Dasenty (França); 4 —

(Continua na página seguinte)

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

- **Jean-François Poron, antes de filmar «A Máscara de Ferro», interpreta em Paris «Teresa Angélica». Nesta peça, Evelyne Dandry encarna simultaneamente duas mulheres: uma aventureira e uma rapariga ideal. Sem hesitar, Poron resolveu, na vida real, casar com Evelyn ..**
- **Jany Clair, a primeira vedeta francesa dum filme italiano de ficção científica (« O Monstro de Olhos Verdes»), vai interpretar em Roma, dois novos filmes: «A Maffia do Silêncio», de Palella, e «Os Ultimos Dias de Herculano», película dirigida por Pasolini.**
- **Curt Jurgens encontra-se em Veneza para filmar «O Milagre do Cavalo Branco», uma produção de Walt Disney.**

31-VII-62

A peça de Romeu Correia «O Vagabundo das Mãos de Oiro» é hoje estreada no Porto, numa encenação de João Guedes

Nunes Valente e Jaime Valverde num ensaio

ULTRAPASSANDO todos os obstáculos que lhe surgem, com uma paixão pelo Teatro que poderá ser considerada invulgar entre nós, o Teatro Experimental do Porto continua a trilhar, com a maior firmeza, os caminhos que impôs ao seu trabalho desde o início da sua actividade: a divulgação do melhor Teatro junto de todas as camadas sociais da cidade. Dentro desse objectivo, sem duvida importantíssimo, o T. E. P. vai apresentar hoje mais uma peça portuguesa de indiscutível interesse, a qual, por certo, será uma tentativa mais para uma maior aproximação entre o publico e o palco: «O Vagabundo das Mãos de Oiro», de Romeu Correia.

A encenação desta farsa de Romeu Correia — um dos mais representativos dramaturgos portugueses da actualidade — foi confiada a João Guedes, elemento formado na escola do T. E. P. e que, em inumeros trabalhos, primeiro como actor e depois como encenador, deu já indiscutíveis provas sobre as suas invulgares faculdades de homem de teatro.

● CHAMAR AO TEATRO UM PÚBLICO NOVO

O depoimento de João Guedes sobre o ultimo trabalho do T. E. P., registado a algumas horas da sua estreia, num pequeno intervalo da febril actividade em que estava mergulhada esta Companhia, pareceu-nos ser do maior interesse para os nossos leitores, especialmente para aqueles que ao Teatro dedicam a sua maior atenção. Eis o que começou por nos dizer:

— Apesar de saber que esta peça de Romeu Correia constituía um desafio implacável á habilidade de um encenador e de saber, igualmente, a enorme dificuldade que representava a falta de tempo de que dispunha para a pôr em cena, aceitei-a com o maior agrado, mais, com um entusiasmo quase impossível de exprimir por palavras. Este estado de espírito, quanto a mim, fàcilmente compreensível, ficou a dever-se, muito especialmente, ao facto de em «O Vagabundo das Mãos de Oiro» me ser dada mais uma oportunidade para tentar conseguir um dos objectivos do T. E. P. e meu, igualmente: chamar ao Teatro um publico novo, um publico que, com a sua presença, ajude a prestigiar o teatro português.

E João Guedes prossegue:

— Esta peça, simples na medida em que se apresenta com cristalina limpidez, portanto de acção directa sobre o espectador, permite, sem duvida, uma intensa intercomunicação entre o publico e os actores, factor indispensável para que aquele se aperceba melhor dos nossos problemas, dos problemas que assoberbam o Teatro em Portugal.

● UMA ENCENAÇÃO PARA O AR LIVRE

João Guedes, sempre com o mesmo entusiasmo, que, fàcilmente, se sente nas suas palavras anteriores, falou, em seguida, concretamente sobre o seu trabalho como encenador de «O Vagabundo das Mãos de Oiro».

— Esta farsa de Romeu Correia poderia, quanto a mim, ser encenada de duas maneiras diferen-

(Continua na página seguinte)

Os portugueses e os cursos da Universidade do Teatro das Nações

A Universidade do Teatro das Nações, dirigida por Albert Botbol e de que é secretário geral Michel Marcland, foi criada em 1961. Este ano organizou dois ciclos de estudos teatrais: em Maio, um curso normal de cultura geral, que reuniu 101 participantes de 32 nações; em Junho, um curso superior, consagrado particularmente ao estudo das técnicas da cena, que agrupou 59 estagiários de 25 países.

MUITO BOM, COM FELICITAÇÕES DO JURI

1 — ROGÉRIO PAULO (PORTUGAL).

MUITO BOM

2 — Miléna Salvini (França); 3 — Jean Dasenty (França); 4 —

(Continua na página seguinte)

consideràvelmente elevado de filmes de encomenda para empresas particulares e para o Governo, criou condições favoráveis para a produção de filmes animados. Esta situação teve repercussões benéficas na evolução da animação americana e explica o motivo por que cineastas como Pintoff ou Hubley conseguem manter uma interessante actividade de filmes de prestígio, cuja produção é sustentada pelo filme publicitário.

Pintoff, numa curta estadia nos estudios Terrytoons realizou o seu engraçado «Flebus», desenho animado de «ideias», como ele diz, e que representou uma radical transformação no seu estilo gráfico. «Flebus» — o homem que ama toda a gente e que não é amado por alguém — é uma personagem bem caracterizada e que anuncia os seus filmes seguintes: «The Violinist» (1960), «The Interview» (1961) e «The Old Man» (1962). Neles se observa um tema comum — a incomunicabilidade entre os homens no ambiente cruel e egoísta das grandes cidades. O estilo gráfico lem-

A PEÇA DE ROMEU CORREIA

(Continuação da página anterior)

tes: uma para um palco possuidor das melhores condições, onde se pudesse tirar os melhores efeitos da luz e da movimentação das personagens e onde fosse possível a utilização de palcos rolantes; e outra que permitisse, também, a sua representação ao ar livre, em jardins, num terreiro, numa rua, em suma, junto do povo. Naturalmente, em face dos meus objectivos, de que atrás falei, e, também, dadas as reduzidas possibilidades do nosso palco, não tive qualquer hesitação em optar pelo segundo tipo de encenação.

— Agora, que a peça está quase de pé — acrescentou — estou convencido de que segui o melhor caminho, pois apenas procurei servir o trabalho de Romeu Correia, mesmo quando na sua representação procurei efeitos que podem ser considerados demasiado espectaculares. Neste momento não posso, no entanto, deixar de enaltecer a preciosa colaboração que me foi dada pelo pintor Angelo de Sousa, a cargo de quem esteve a cenografia. Para esta peça, eu precisava de um artista que tivesse sensibilidade, poder de criação e de imaginação e que não estivesse viciado nos modelos clássicos do Teatro, técnica que a peça não comportava. Angelo de Sousa possui, na verdade, todas estas qualidades que eu desejava e mais ainda a de ser um trabalhador infatigável.

● UMA PEÇA AUTENTICAMENTE PORTUGUESA

A estas palavras, que poderão servir de apresentação, para os nosso leitores, da peça «O Vagabundo das Mãos de Oiro», representado pelo T. E. P., João Guedes acrescentou:

— A horas da estreia, atrevo-me, publicamente, a sonhar que tenha conseguido mostrar ao público português uma peça autênticamente portuguesa, com um sabor e com uma actualidade bem portugueses. Se falhar, se esse sonho não vier a ser concretizado, nem o Romeu Correia, nem os actores, nem os técnicos, nem o Círculo de Cultura Teatral terão quaisquer culpas. No entanto, com todas as reservas que são de pôr nas horas que precedem uma estreia, parece-me que «O Vagabundo das Mãos de Oiro» vai servir, com a dignidade necessária, para que o T. E. P. prossiga na nova fase em que parece ter entrado este ano, uma nova fase que, depois de saber o interesse que a Camara Municipal do Porto está a pôr, finalmente, na sua vida, me faz olhar o futuro do Teatro nesta cidade com muita esperança.